



A Sustentabilidade do Desenvolvimento: Desafios de uma “Bolha” Económica em Moçambique?

Carlos Nuno Castel-Branco
carlos.castelbranco@gmail.com

1ª Conferência de Lisboa, 3-4 de Dezembro de 2014

(Organizada por: Câmara de Comércio e Indústria Portuguesa, Câmara Municipal de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Portugal-África, IMVF - Instituto Marquês de Valle Flor, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, SOFID - Sociedade Financeira de Desenvolvimento e UCCLA - União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa).

Estrutura da Apresentação

- Paradoxos da economia moçambicana – “milagre” ou “miragem”?
- Acumulação primitiva e a voracidade por capital:
 - Modelo de acumulação e uma economia cara
 - O papel do Estado
- Aplicação de capital, afunilamento e a dependência da incorporação extensiva de novos recursos
- Porosidade da economia como mecanismo de transmissão entre capital multinacional e doméstico
- Endividamento público galopante e o seu papel estruturante das opções económicas

Paradoxos da economia moçambicana – “milagre” ou “miragem”?

“Milagre”

- Duas décadas com o PIB a crescer em média a 7,2% ao ano (rápido e ao longo de um período extenso)
- Rápido crescimento das exportações com a incorporação acelerada de produtos primários do complexo extractivo
- Um dos 3 principais destinos de capitais financeiros internacionais privados na África Sub-Sahariana
- Formação de uma pequena classe média abastada e de uma elite financeira nacional.

“Miragem”

- Ineficaz a reduzir pobreza, com esta ineficácia a aumentar quando o crescimento económico acelera ($\downarrow$ pobreza/ $\uparrow$ PIB 1% = -0,3% (1997/03); +0,01% (2004/10); -0,14% (1997/2010). Qual é o problema com o crescimento económico?
- Afunilamento da base produtiva, com os factores determinantes de crescimento intensivos em capital e a não gerarem emprego massivo
- Expansão da dependência externa, sobretudo de fluxos privados de capital para financiar o investimento privado e a dívida pública (subordinação do Estado e do modo de acumulação às dinâmicas do capital financeiro global)
- Aumento das vulnerabilidades estruturais da economia

Pardoxos da economia moçambicana – dados

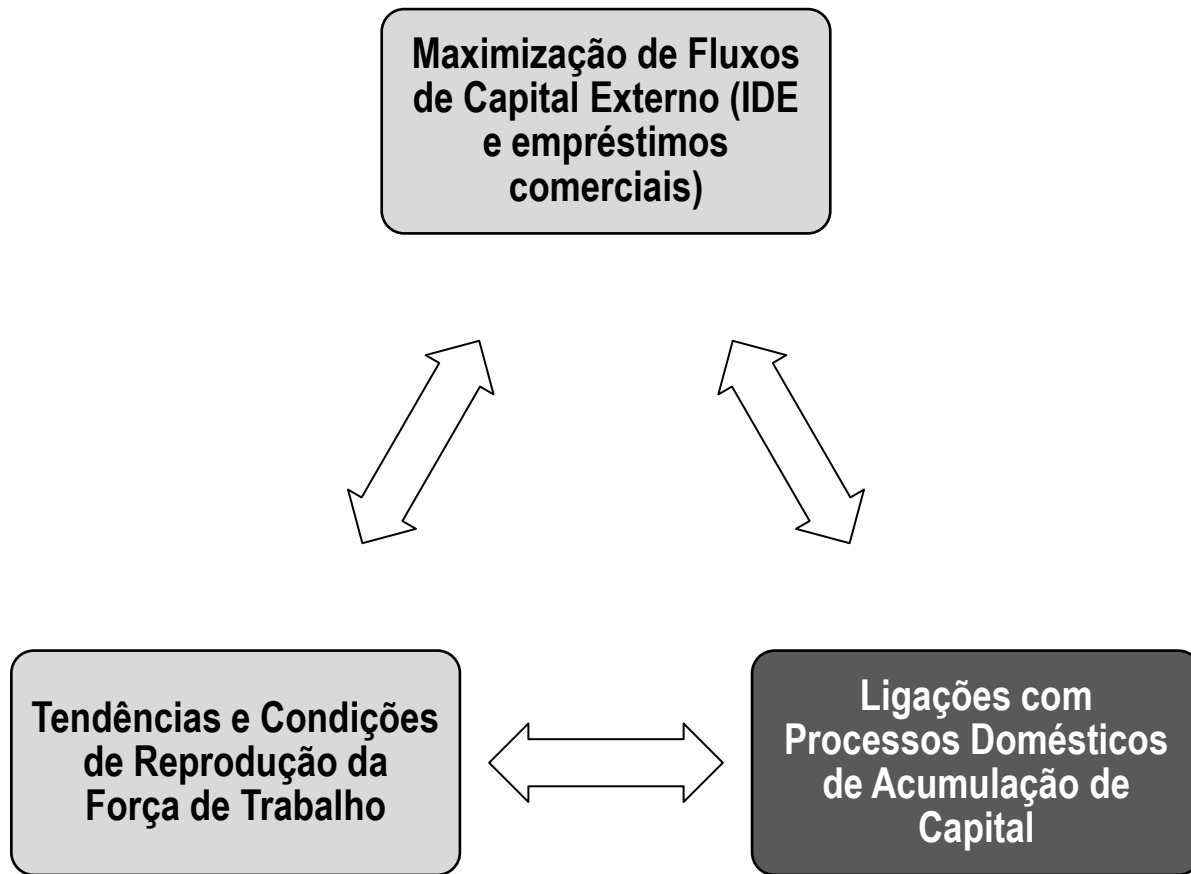
	De 1996/97 a 2002/03	De 2003/04 a 2009/10	De 1996/97 a 2009/10
Crescimento real acumulado do PIB no período (%) [1]	55	66	156
Redução acumulada da pobreza no período (%) [2]	-15,3	0,6	-14,7
Percentagem da população total vivendo abaixo da linha de pobreza absoluta (%) [3] (1)	69,4	54,1	69,4
	54,1	54,7	54,7
Coeficiente de Gini [4] (2)	0,41	0,42	0,42
Taxa média anual de crescimento real do PIB (usando deflactor oficial) (%) [5]	6,5	7,8	7,2
Taxa média anual de crescimento do PIB <i>per capita</i> (usando deflactor oficial) (%) [6]	4,2	5,5	4,9
Taxa média anual de redução da pobreza (%) [7] (3)	-2	0,1	-1
Por quanto o PIB tem que crescer para a pobreza reduzir por uma unidade [8] (4)	3,25	-	7,2
O que acontece com a pobreza quando o PIB cresce por uma unidade [9] (5)	-0,31	0,013	-0,14
Taxa de inflação média anual (%) [10]	8,3	7,8	7,9
Diferencial do IPC de bens alimentares e não alimentares (em pontos percentuais) [11] (6)	1,6	3,8	2,7
Diferencial dos preços relativos entre bens alimentares e não alimentares (diferencial medido como % do IPC não alimentar) [12] (7)	21,3	51	36
Taxa média anual de crescimento do PIB deflacionado pelo IPC alimentar (%) [13] (8)	5,4	5,2	5,3
Taxa média anual de crescimento real do PIB <i>per capita</i> (IPC alimentar) (%) [14]	3,1	2,9	3,0

Fonte: DNEAP, 2010; GdM, 2010; INE, 1995-2011; Wuyts, 2011a.

Paradoxos da economia moçambicana

- “Milagre”/”Miragem” ou “copo meio cheio”/”copo meio vazio” são dicotomias limitadas para entender a economia.
- Sistema social de acumulação permite entender a interacção orgânica e a lógica económica e social destes aparentes paradoxos, e, portanto, elimina os paradoxos.

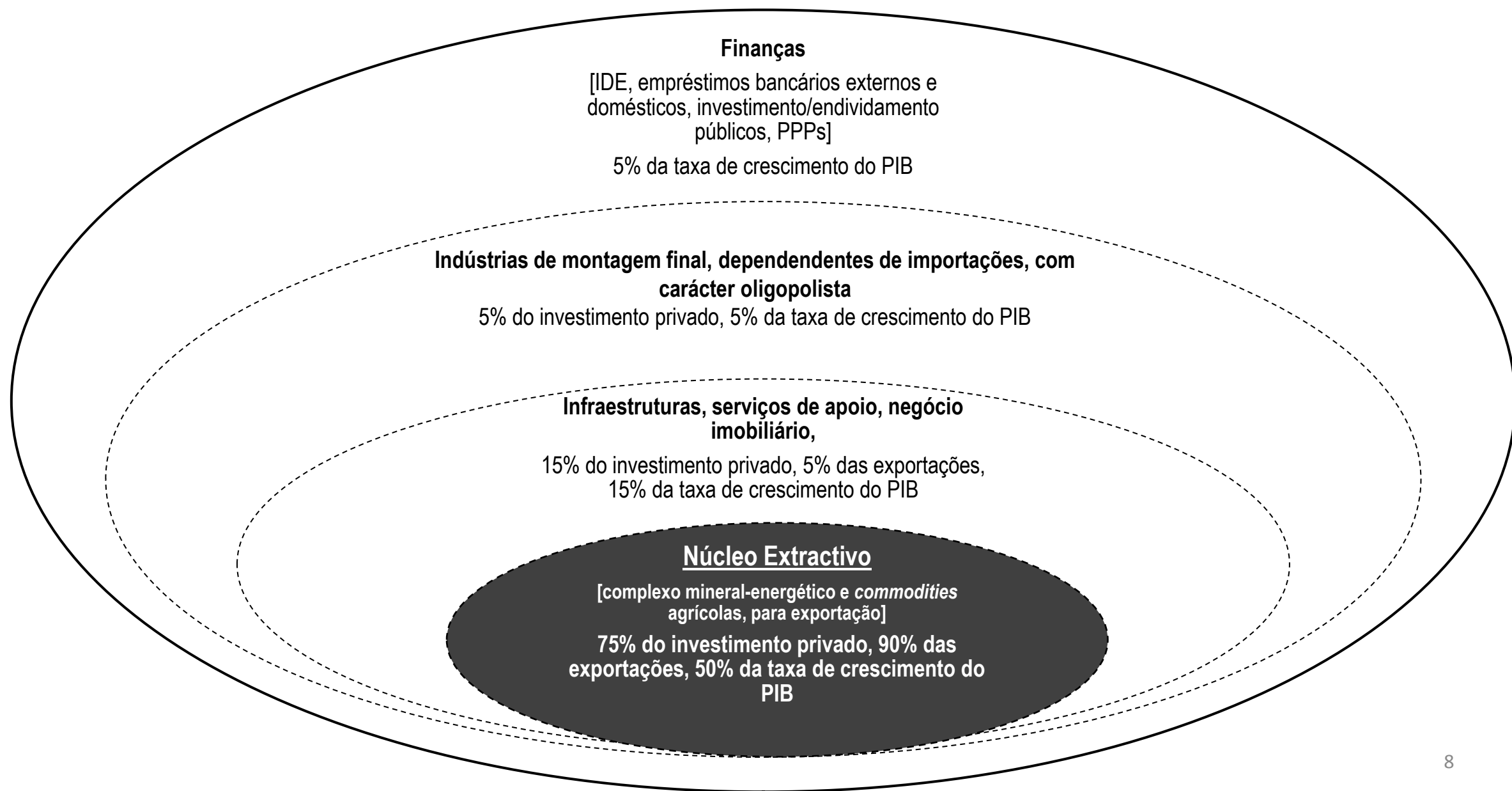
Acumulação primitiva e a voracidade por capital – modelo de acumulação e uma economia cara



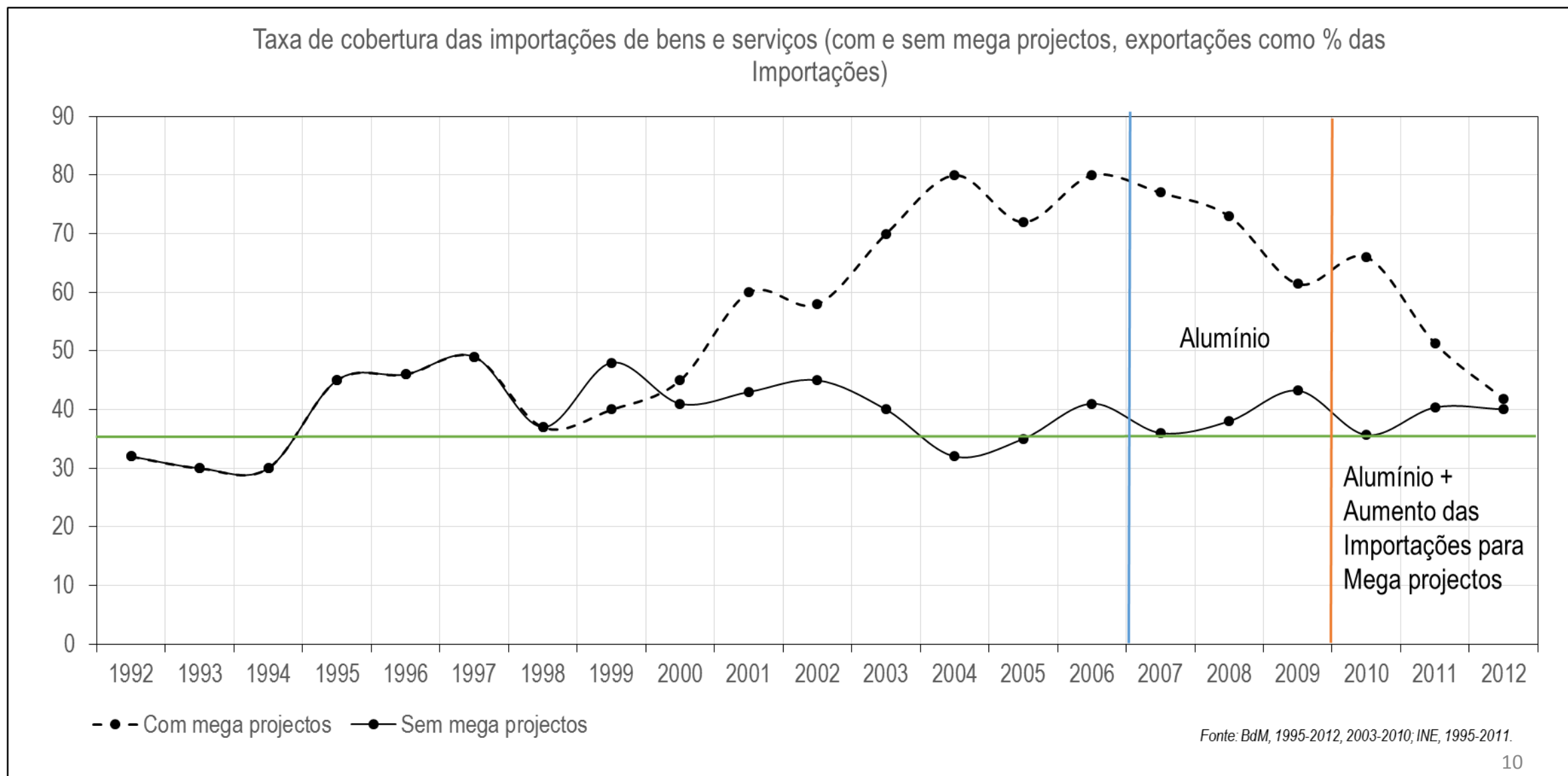
Acumulação primitiva e a voracidade por capital – o papel do Estado

- Maximização de fluxos de capital externo não politicamente condicionado. O que o atrai?
 - Recursos a baixo custo (baixo custo de expropriação)
 - Controlo dos recursos e sua financeirização
 - Acesso à região (em especial indústria e serviços técnicos e sector financeiro sul-africanos, e sistemas de transporte)
 - Energia (dilemas)
 - Subsídios públicos (incentivos e investimento público; endividamento)
- Ligações com capital doméstico (produtivas, porosidade, RSC,...)
- Reprodução social da força de trabalho: (i) dinâmicas e tendências de emprego e produtividade do trabalho negligenciados; (ii) não qualificados – autoemprego; qualificados: protecção; (iii) degradação e mercantilização dos serviços públicos; (iv) Expropriações; (v) Ajuda externa como espoja de absorção de crise (protecção social e tal)

Aplicação de capital, afunilamento e a dependência da incorporação extensiva de novos recursos



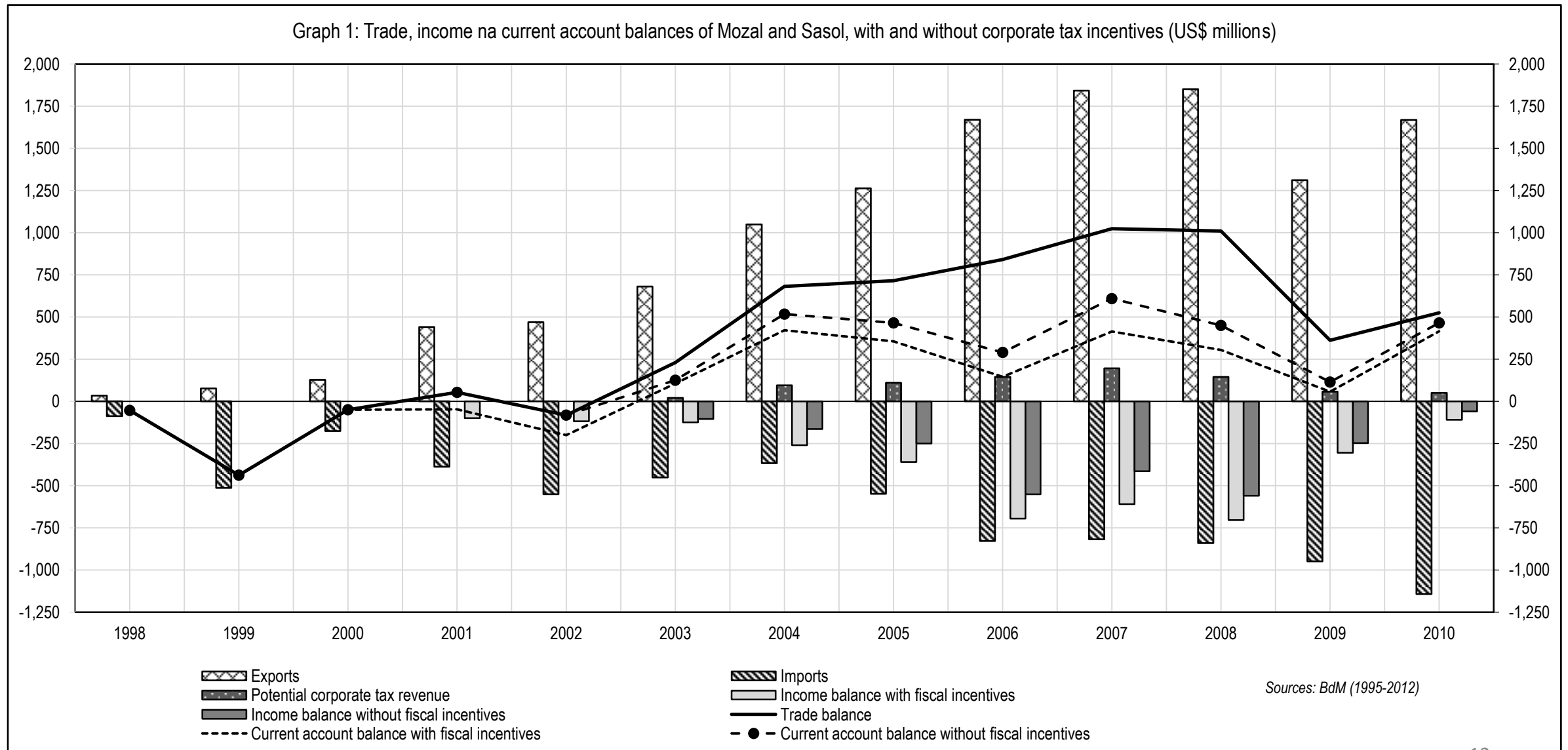
Aplicação de capital, afunilamento e a dependência da incorporação extensiva de novos recursos



Porosidade da economia como mecanismo de transmissão entre capital multinacional e doméstico

- **Porosidade económica:** incapacidade da ECONOMIA COMO UM TODO acumular e reproduzir-se com base no excedente produzido, por efeito das perdas: 1) para fora da economia (exemplo, repatriamento de lucros ou fuga ilícita de capitais); e 2) da privatização completa do excedente por via da expropriação do Estado pelo próprio Estado (exemplo, expropriações e privatizações a baixo custo, incentivos fiscais redundantes, endividamento acelerado do Estado para subsidiar o capital privado, etc.)
- Papel histórico da porosidade económica:
 - Subsidiar o capital de grande escala (exemplos; incentivos fiscais, expropriações e privatizações a baixo custo, investimento público em infraestrutura)
 - Gerar ligações entre o capital nacional e as oligarquias financeiras nacionais em emergência (exemplos: acesso à estrutura acionista e ao *board* das empresas sem realizar o capital, gestão da dívida, intermediação dos processos de expropriação e privatização a baixo custo para o capital, obrigatoriedade informal de sociedade com nacionais)
 - Expandir as áreas de mercantilização e as oportunidades de lucro privado por via da privatização dos serviços públicos justificada pela “necessidade” de austeridade

Casos específicos I: Dinâmicas de porosidade de dois mega projectos



Endividamento público galopante e o seu papel estruturante das opções económicas

- Evolução na última década:
 - Dívida pública externa Δ 10% ao ano (40% mais depressa que o PIB);
 - Dívida pública interna Δ 29% ao ano (4 vezes mais depressa que o PIB);
 - Estrutura da dívida mais comercial e mais cara, aumentando o peso no orçamento do Estado.
- Motivação dominante: subsídios ao grande capital extractivo (incentivos fiscais, financiamento de infraestruturas, expropriações a baixo custo).
- Modos dominantes de financiamento:
 - Atracção de mais dívida por via da especulação com **expectativas** de hipotéticos fluxos de rendimentos dos recursos naturais futuros, comprometendo opções do futuro (isto é, hipotéticas receitas no futuro são garantias para endividamento no presente para financiar a produção dessas hipotéticas receitas no futuro) – implica redução, ou “gestão” (em retórica política) das expectativas sociais.
 - Venda de títulos de dívida no mercado financeiro doméstico.

Endividamento público galopante e o seu papel estruturante das opções económicas – IMPACTOS ECONÓMICOS

- No orçamento do Estado: austeridade social;
- No sistema financeiro:
 - Altos custo do capital e rigidez das taxas de juro comerciais face à redução das taxas de referência do BdM;
 - sistema financeiro doméstico especulativo – atraído pela dívida, especulação imobiliária e níveis de investimento no complexo mineral energético;
 - encarecimento dos empréstimos externos comerciais por causa da redução da credibilidade financeira de Moçambique.
- No investimento público: foco no grande capital ou áreas de retorno financeiro imediato à custa do alargamento da base produtiva e de desenvolvimento;

Endividamento público galopante e o seu papel estruturante das opções económicas – IMPACTOS ECONÓMICOS

- Nos serviços públicos:
 - Austeridade
 - Crescente mercantilização/privatização destes serviços, mantendo a submissão da política pública aos interesses do capital financeiro e abrindo novas áreas de mercantilização e lucro.
- Consolidação da base extractiva da economia e da dependência em relação a fluxos externos de capitais.
- Emergência de uma economia de “bolha”, cujas “paredes” ficam mais finas à medida que a economia expande e em linha com a velocidade de expansão (imaginemos uma bolha de sabão expandindo rapidamente, ou uma estrela gigante que queima o seu combustível depressa).

Desafios de sustentabilidade

- O problema da “bolha” económica misturada com expectativas especulativas sobre o futuro distante:
 - O que acontece entretanto?
 - Duas possibilidades de “ajustamento”, dependentes do tamanho da bolha, da velocidade de crescimento e da solidez dos resíduos: implosão ou explosão
 - O risco acrescido do efeito dominó se as expectativas sobre as expectativas se tornarem excessivamente inseguras ou incertas (volatilidade dos mercados de capitais e de *commodities*, penalizações relacionadas com o meio ambiente, os custos de tornar a extracção e exportação viáveis, os custos sociais das altas taxas de recuperação do capital, etc.)
 - Desafios da mudança, depende da capacidade de articular politicamente o caso para mudança e as forças sociais motivadoras e causadoras dessa mudança, e do grau de tensão e crise atingidos – implode/explode antes da mudança?
- O sistema financeiro especulativo e o impedimento à mudança da estrutura produtiva.
- A vulnerabilidade social e económica do afunilamento e dualismo económico.

Desafios de sustentabilidade

- Intergeracionalidade e as possibilidades de transferência da crise para o futuro – no futuro, como será resolvida a crise se se esgotarem os meios no presente?
- A captura do Estado pelo capital financeiro e as (im)possibilidades de alargamento da base social e económica de acumulação e desenvolvimento – reforma ou revolução?

Obrigado!